

Cerâmicas medievais do Museu de Francisco Tavares Proença Jr.

Rogério CARVALHO

1. Os vasos cerâmicos atribuíveis ao período medieval, e que constituem parte do acervo do Museu de Francisco Tavares Proença Jr. em Castelo Branco, não são provenientes de nenhuma escavação organizada, nem tiveram origem na mesma área geográfica.

Assim, por se desconhecerem completamente os registos estratigráficos que os envolviam, como ainda, para dois dos vasos, se ignorar o próprio local de achado, houve necessidade de os agrupar segundo conjuntos. Estes foram organizados tendo em conta os locais de proveniência e cronologia dos materiais.

1.1 - O conjunto de cerâmicas consideradas como "visigóticas", é constituído por dois vasos, ambos incompletos, inventariados com os números 70.41 e 38.7, respectivamente. O primeiro, apresenta decoração incisa formada por círculos concêntricos, organizados a partir de dois pontos centrais, fortemente vincados (Est. I, fig. 1); quanto ao segundo, fragmentado segundo um plano normal ao eixo de rotação, evidencia características, tanto ao nível da forma como da textura da pasta, que levam à sua inclusão no mesmo período cronológico (Est. I, fig. 2).

A sua entrada no museu deu-se em momentos diferentes, não sendo conhecido, para nenhum dos objectos, o local de achado, bem assim como as respectivas condições de jazida. Todavia, o facto de o primeiro dos vasos ter dado entrada por oferta de D. Fernando de Almeida, suscita a hipótese de este ser proveniente do cemitério visigótico de Idanha-a-Velha.

1.2 — O segundo, formado por um só elemento, é de todos, o único que se encontra datado. O achado, nos primeiros anos deste século, no sítio do Cruzeiro, perto do lugar de Aljubarrota (1), de um tesouro de 800 dinheiros cunhados nos reinados de D. Sancho I e D. Sancho II, veio permitir ao fundador do museu, recolher parte do espólio monetário, bem assim como o vaso que o continha.

Tal circunstância permite reconhecer elementos de uma forma cuja datação, em termos de uma cronologia ampla, nos parece segura, tanto mais que não é este entesouramento caso inédito no período conturbado que caracterizou o reinado de D. Sancho II (2).

O pequeno vaso, com o número de inventário 10.61, apresenta pasta bem depurada, de cor vermelha e superfície exterior engobada; o fundo é plano, as paredes finas e a decoração é constituída por sulcos paralelos, que cobrem todo o colo. A fractura recente da boca impede a sua reconstituição integral (Est. I, fig. 3).

1.3 — Por último, o conjunto dos vasos provenientes de Idanha-a-Velha, que sugere características de homogeneidade, tanto ao nível das formas como da qualidade das pastas cerâmicas, pois estes apresentam formas idênticas e de funcionalidade semelhante. A cerâmica é cinzenta, integrando grande quantidade de elementos não-plásticos, sobretudo quartzíticos, o fundo é invariavelmente plano, as paredes são espessas e a aplicação da asa de fita provocou, em quase todos os vasos, um ligeiro desequilíbrio do eixo de simetria.

Assim, se as formas se aproximam, é nos padrões utilizados como decoração que melhor se define o conjunto em si. O vaso inventariado com o número 10.51 (Est. I, fig. 4), apresenta-se decorado por sulcos paralelos, constituindo uma faixa larga imediatamente abaixo do arranque superior da asa. Para os vasos com número de inventário 10.50 e 10.52, a decoração utilizada é bem mais complexa, e caracteriza-se pelas incisões oblíquas, de contorno ovalado, profundamente impressas na pasta (Est. II, fig. 2), sulcos ondulados incisos e bordo decorado por banda de sulcos verticais (Est. II, fig. 1). O vaso número 10.53 é o único com decoração pintada a branco, constituída por faixas paralelas lineares e onduladas (Est. II, fig. 3). Por último, o número 10.54 foi completamente decorado segundo um sistema de

cordões, em relevo, paralelos entre si, e onde foram aplicadas incisões irregulares, mas uniformemente verticais.

Como não se detectaram paralelos, resta-nos considerar que podemos estar em presença de uma produção cerâmica local, que em certa medida prolonga e repete uma gramática decorativa de implantação mais ampla, provavelmente de nível regional (3).

2. A falta de elementos seguros que, de momento, possam contribuir para classificar, do ponto de vista cronológico o conjunto cerâmico referido (com excepção do vaso 10.61), faz com que o presente trabalho se centre mais na descrição dos materiais do que em qualquer outro ponto.

Para o conjunto dos vasos de Idanha, as respostas só poderão ser encontradas quando se retomarem os trabalhos de investigação nesta importante estação arqueológica (4).

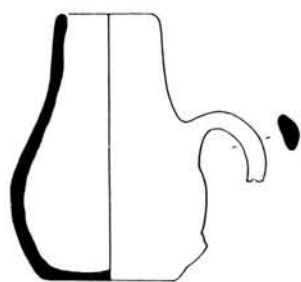
NOTAS

(1) — TAVARES PROENÇA JR., Francisco — Achado de moedas de D. Sancho II, in "Matereaes", nº1, Leiria 1910, pág. 23-24.

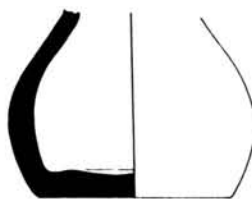
(2) — FERRO TAVARES, M^a José Pimenta — A moeda portuguesa durante a primeira dinastia, in "História de Portugal", vol. I, ed. Alfa, Lisboa 1983, pág. 711-720.

(3) — RIBEIRO, J. Henriques — Cerâmica medieval das escavações da zona de Castelo Branco, in "II Colóquio de Cerâmica Medieval del Mediterraneo Occidental", Toledo 1981, pág. 277-281.

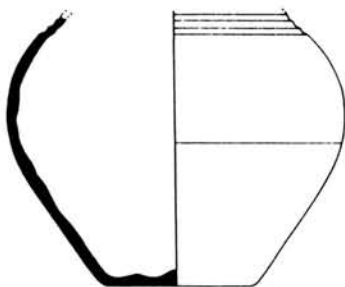
(4) — Não podemos deixar de agradecer ao senhor dr. José Luis Madeira, a tintagem do desenhos.



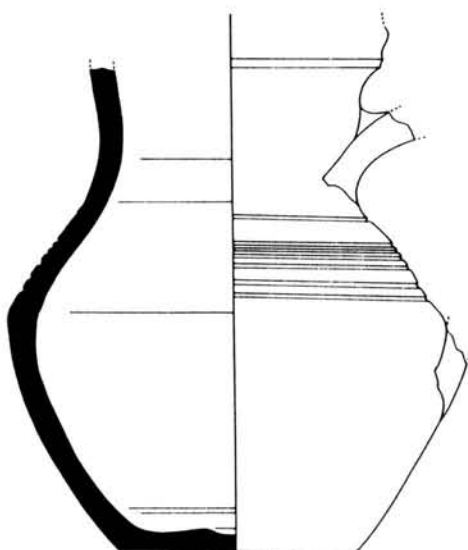
1



2



3



4

